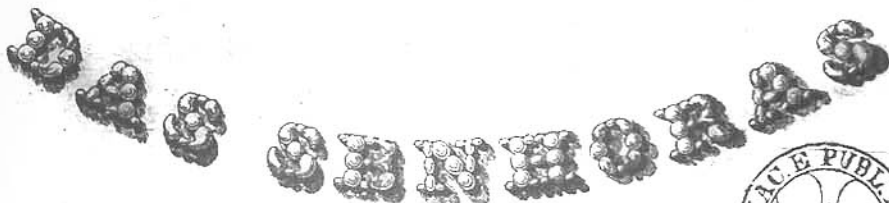




O JORNAL



Modas; Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞



MODAS.

Aqui estou comvosco, querida leitora; que Deus me livre e guarde de vos deixar ficar com uma estampa do *Jornal das Senhoras* sem dar-vos a sua competente explicação, cousa que, além de necessaria em todas as cousas, muito mais necessaria se torna a respeito de figurinos. Uma explicação! Quem não aceitará uma explicação? Quantas meadas embaraçadas não têm desfiado uma explicação em tempo!

Uma explicaçãozinha! isso tem que se lhe diga...

Nestes Jornaes principalmente entendo eu que as explicações nunca são de mais acerca de modas e figurinos. E para prova do que, lancemos querida leitora um golpe de vista sobre os jornaes francezes deste genero, todos, desde o mais pequeno até o *Moniteur* que tem uns cento e sessenta mil assignantes, consagrão a maior parte das suas paginas ás explicações da moda, e occupão-se em descrever exclusivamente não só os detalhes mais minuciosos de *toilette*, mas até os pontos e pespontos, os comprimentos e larguras dos folhos, das ~~rendas~~ dos enfeites, de sorte que, os que não sabem por ali aprendem, e os que já sabem passão por alto essa leitura e

contentão-se com o figurino. Todos ficão satisfeitos.

Tenho lido algumas vezes, não sei onde, e já tenho mesmo ouvido a alguns *magricellas*, que tudo terão menos espirito, dizerem muitos senhores de si e de *farófa*:—No Rio de Janeiro as modas não offercem assumpto bastante para um jornal; não ha materia; tudo é velho e sempre o mesmo.—Forte desconsolo! E eu digo o contrario, e penso dizer a verdade.—Não ha leitores em grande numero, porém materia ha de sobra; por outra: ainda não estamos acostumados á esta leitura especial, como acontece em Paris; por que os nossos jornaes de modas têm apparecido até aqui, de vez em quando, como fructo temporão que se não dá lucro apodrece, e nos deixa ficar sem o gosto e o costume estabelecidos que tornem uma necessidade domingueira a leitura d'essas pequenas cousas uteis e instructivas.

Ainda mais provas: se os jornaes de Paris escrevem ha tantos annos sempre no mesmo circulo e no mesmo sentido, nós que de lá recebemos os modelos, fazendas, enfeites e todos os *quindins* da moda, de que elles usão tambem,

podemos escrever da mesma maneira, sobre o mesmo assumpto, com a mesma arte e delicadeza. mente havendo a pequena differença de escrevermos mais tarde, quando por cá nos chegarão as modas, e de mudar-mos os nomes ás modistas e aos armazéns de primeira ordem; e nada mais. Isto feito, temos panos para mangas; cada estampa fornecerá um artigo muito bonito.

Ora, por exemplo, a estampa que recebestes Domingo passado, se a Christina tivesse dois dedos de rhetorica para ajuntar aos dez dedos de boa vontade que Deus lhe deu, e que a respeito de costuras está no caso de poder, não ler, mas cozer de cadeira, era materia sufficiente para ella escrever um artigo lindissimo. Vamos lá. Principiaria descrevendo o pifresco arrabalde sobre que está situado esse bello palacete que avistais ao longe, no fundo da estampa; entraria nelle; examinaria todos os moveis, todas as decorações, os estófos, os quadros, todas as disposições elegantes e caprichosas, e por fim daria um passeio até a esse lago tão romantico, tão a proposito ali disposto, e ficaria por muito tempo acolá parada... pensando... fruindo... vendo esses marrequinhos tenros e tão affeitos lançarem-se n'agua, acompanharem vivazes a sollicita mãe que os chama de biquinho aberto para espantarem-se todos na bacia commum... daria um suspiro destes que sahem do fundo do peito sem dôr nem saudade, mas que docemente exprimem um gozo inexplicavel, e voltaria para relatar-vos tudo, e dizer-vos no meio da historia, que também já encontrei duas elegantes.

E quem erão ellas? Eis a pergunta que me farieis.

Uma era a feliz possuidora dessa bella Quinta, e a outra uma amiga que a visitava nessa occasião; ambas, levadas pelo passeio e a viva conversação, forão ter ao mesmo logar onde eu vi os marrequinhos.

Ah! essas são as duas figuras da estampa!

Sem tirar nem pôr: são ellas mesmas. A visita traja um *toilette* de passeio de campo.—Vestido de *grenadine Bayadère*, ornado de tres largos folhos, em disposição, cada um dos quaes com tres listas assefinadas, azul meia côr, que circundão a saia.—Corpinho franzido e totalmente afogado.—Collarinho de *guipure* de Veneza, de bicos, voltado sobre os hombros e delicadamente conchegado ao pescoço com uma gravatinha de larga fita azul.—Chapéu de filó com quatro ordens de matames em blonde, sem mais enfeites que um crespo de setim azul em cada lado interior da aba, e preso por um laço de fita branca de setim, poutas volantes.—Mantelete *jeune femme* de seda batida, azul meia côr, guardado completamente de um caprichoso crespo de fita e franja da mesma côr.

Estava ao lado direito da senhora da Quinta. Esta elegante revela uma distincção e novidade no seu *toilette*, que eu vos recomendo particularmente pelo magnifico effeito do seu simples ornamento.—Reparai no seu vestido branco de corpo franzido, e de ~~cape~~ mole com quatro folhos recortados e orlados a ponto de casear. —Observai como deliciosamente vem descendo

dos hombros o cinto-manta de larga fita escoceza e fecha-se em acochado franzido para passar por baixo do estreito cinto de fita branca deixando depois desenvolverem-se as duas longas pontas em toda a sua largura. Vêde o lindissimo e novo penteado como lhe vai bem. Este penteado forma-se de crespos rissados em cabellos curtos, repartidos em bico adiante, de maneira que os dos lados produzem as tufas, e os que vão da testa para cima ajudão a completar o resto dos crespos, os quaes devem guarnecer em duas ordens o cimo da cabeça, e descerem em tufas de quatro para cada lado.

Concordareis commigo que é um *toilette* novo, e um penteado de muito bom gosto, effectivamente proprio para substituir muitas vezes os bandós ondeados, que já vão passando da linha do moderno nos penteados descubertos.

As duas elegantes ainda ficarão ao pé do lago a conversar, e eu retirei-me para vir dizer-vos um adeus, até a proxima semana do mez de outubro, que será mais historiado.

23 de setembro.

Christina.



A MULHER

perante Deus e o mundo.

(Continuação.)

No berço da raça humana, na Palestina, museu das mais admiraveis antiguidades, quando o mundo a considerava mais incapaz de produzir, pela desmoralisação a que tinham chegado os seus povos, preparava-se no recinto de uma simples casa a mysteriosa mudança do genero humano. A humildade devia apresentar-se como sempre, a vestimenta do pensamento divino; ella convém á resolução dos grandes phenomenos da humanidade, porque também a natureza é simples na explicação dos seus segredos, que parecem muita vez inexecrutaveis.

Naquella época, como sempre desde o começo das cousas, quando as classes elevadas, encarregadas de dar a educação ao povo, se desmoralizavam e esquecião totalmente a sua predistinação superior de *mestras dos ignorantes*, um homem do povo, simples e virtuoso, entretinha-se em sonhos com a Divindade, e cheio de fé pura pensava nas horas do silencio no que ia pelo mundo. Elle era tão pequeno, tão pobre! Podia apenas pensar nas desgraças que corrompião os homens, e lastimal-as; mas não se podia atrever a impôr-lhes uma barreira.

José, o simples, o bom carpinteiro, era na sua profissão um homem assás conhecido pela sinceridade das suas praticas religiosas; alguns dos seus o ouvião com dedicação e respeito, e os grandes da terra nem o conhecião. Elle vivia sautamente na honestidade do seu trabalho; ia ao templo e cantava os psalms; mas nutria na

alma uma esperança, esperança inexplicavel, que o fazia adormecer gostosamente: elle não a declarava, vivia mudamente com ella, como se fora um sorriso interno, que devesse sempre occultar-se bem dentro do seu coração. Ha tanta vez esperanças para nós na mocidade, que por soberanamente doces, não as dizemos, de modo que os homens não as ridicularisem. Um dia elle suspirou, e na vibração desse som elle distinguio na vaga harmonia que produziu, um corpo de bellissima mulher. « Maria! » exclamárão seus labios religiosamente, e seus olhos se dirigirão com casta avidez para essa figura que abaixava o alvissimo rosto de lirio ao passar por elle, e juntou por instincto as mãos ao Céu... e depois da sua oração e do seu sonho, Maria, a virgem inspirada, era sua mulher.

Da vida dos antigos, de toda essa historia que enche immensos volumes, nem um facto se mostra que seja superior áquelle; nas façanhas dos grandes Romanos e dos Gregos, nenhuma houve que acendesse mais o santo entusiasmo do que aquella inclinação tão simples e original: era uma virgem, um pensamento—mulher que magneizára o espirito pudibundo de um homem nascido na mais modesta virtude.

José e Maria vivião nessa mysteriosa existencia, que não podia ser comprehendida pelos homens, mas que Deus fazia sentir claramente ao coração da mulher, predestinada ao progresso e melhoramento da humanidade. O Espirito Santo, isto é, a elevada sabedoria que inspira uma intelligencia que faz a sua primeira educação na religião, ou antes a pura intelligencia junta ao amor concedido pela razão e pelo coração innocente, predisse a mulher — esposa que teria de ser mãe. Oh! qual é a mãe, que não dará de antemão toda a pureza, toda a belleza espirital ao filhinho que tem de nascer? qual a mulher que não ache na sua vida de esperanças maternas, uma grinalda de merecimentos para o infante que terá de ser homem?

Maria guardou o segredo do que o seu espirito sonhando lhe havia dito, e José recebia no beijo casto de sua esposa essa santissima candura que transluzia debaixo de seus vestidos simples, na sua physionomia expressiva e melancolica—risonha, ornada apenas de uma seriedade invejada.

A profecia dos tempos annunciava a chegada do Messias ha tanto esperado, a estrella do Oriente o prognosticava, os estados se revolvão espantados, e os povos obedecendo ao mandado de Deus corrêrão a admirar a florzinha, que brotava linda e resplandecente da haste de David—linda e resplandecente como lagrima em prazer brotada dos olhos da mulher original, que debaixo de humilde tecto mostrava aos que se chegavão, trasbordando de alegria, a criancinha que acabava de dar aos homens, filho da união com o espirito reformador de Deus sobre a terra.

O menino brincava estendido e sorria-se; o filho volvia seus pequenos olhos brilhantes para a mãe; o Homem-Deus encarnava-se no corpinho gentil de um recém-nascido, tão alvo como a espuma do Jordão. Quando as gerações que o procuravão para curvarem-se diante d'elle o mi-

ravão, seus olhos parecião fallar, seus labios parecião abençoal-as.

Com elle foi então verdadeiramente a mulher constituida. As attentões, os cuidados, as caricias de Maria-Mãe erão inimitaveis, e José em pé, em frente ao pobre berço de seu filho contemplava a mulher com admiração e veneração, e o filho com um amor intimo. Essa santa familia viveu na mais completa paz domestica até que a maldade dos homens se acendeu contra ella, e o Homem Santo declarado impostor, porque queria reformar o que havia de máu, destruir a superstição, illustrar a intelligencia, fazendo os homens pensar; mas como uma tal tenção era tão alta e soberana que o seu desinteresse espantava os homens, martyrisárão o Sabio e derão-lhe em recompensa uma Cruz para expiar o seu attentado.

Elle veio, appareceu entre a humanidade, soffreu como um athleta e morreu como justo, depois de haver contemplado tristemente sua mãe e tel-a feito sentir toda a superioridade do seu sexo.

Maria foi apresentada aos seculos do porvir, como uma mulher-exemplar.

Continua.



A MODESTIA.

POESIA

OFFERECIDA

A' SYMPATHICA E AMAVEL MENINA

D. Maria Inez da Silva Torres.

Gentil—gentil menina, ah! quanto és bella!
Nessa modestia que te faz mais linda,
E's qual mimosa, e casta violeta

Que na belleza
Da singelleza,
Vencendo a rosa,
E as mais flores,
Tão melindrosa
Tão vergonhosa
A face esconde
Entre os verdores!

No Céu limpo e sereno desses olhos
Os raios se reflectem da candura!
Mansas—doces palavras de meiguice
Correm pelo rubim desses teus labios!
Nil angustios brinções, com brando riso
Brancas—puras boninas d'innocencia
Pelas douradas tranças te pendurão!

Que coração—em peito de donzella
Ha ahí que possa ao teu assemelhar-se ?
Rica joia de mimos tão subidos
Gozar só poderá virgem celeste !
Mora nelle a virtude— a sympathia
A caridade, que co'a mão benefica,
Vai o pranto enxugar do desgraçado !
O amor filial—que puros beijos
Da carinhosa mãe, nelle gerarão !
O affecto d'irmãos— affecto santo
Que liga—prende—estreita em doce laço
Entes—que n'um só berço s'emballarão,
Que dormirão ao som grato—e suave
Da mesma cantilena tão singella
Que a mesma voz casou aos seus vagidos !

Que coração ha ahí, que seja o cofre
De riqueza tamanha ? — Onde se guardem
Tão puras affeições— tantos primores ?
Gentil—gentil menina—ah ! quanto és bella !

E não se ufana vaidosa
Da belleza !
E não ostenta orgulhosa
Tal riqueza !

Ama—e seu puro amor
E' um segredo !
De mostrar-se a meiga flor
Treme de medo !

Acolhe com carinho
As desvalidas !
Soccorre o pobrezinho
A's escondidas !

Foge—foge perturbada
Dos louvores !
Cobre a face delicada
De rubores !

Mais recato—mais encanto
Eu nunca vi !
Flór medrosa—de quebranto,
Gosto de ti !

Não sabes que da modestia
E' a nuvem transparente ?
Que não occulta a belleza
Mas a torna mais fulgente ?

Não sabes que a violeta
Se s'esconde envergonhada,
O seu perfume atraíção
Sua modesta morada ?

Não sabes que uns olhos lindos
Quando se abaixão trementes
Vencem mais—tem mais poder
Nos seus raios innocentes ?

Não sabes que um niveo rosto,
Quando veste de rosas,
E' um livro de ternuras,
D'inspirações vaporosas ?

Modesta filha de Deus eu t'ídotatro !
Possa nunca do mundo ó ar crestar-te
Essas rosas da pureza !
Queira a brisa do Céu sempre amorosa
Afarar essa flor perfeita e rara,
Excepção da Natureza !

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1852.

S...



O PROTECTOR.

Romance contemporaneo.

I.

Se se quizer achar em algum logar esta elegancia, esta esquisitisse fina e espirituosa que têm o cumho do decimo oitavo seculo, esta arte de tirar partido das menores bagatellas, de fazer valer pela combinada disposição as miudezas encantadoras que em outro lugar podião ser desdenhadas, é ainda em Paris que é forçoso procurar tudo isto. Paris, posto que se possa dizer, a cidade da moda por excellencia, Londres tem mais riqueza e profusão; Paris tem mais gosto.

Mesmo em Paris ha centros differentes, e a capital desta capital foi estabelecida a alguns vinte annos no Chausseé-d'Autin. É pois até lá que sois convidado a seguir-me a uma pequena casa decorada com todas as riquezas do agradável, o mais apurado. Os balcões não são cheios de dourados; esta ostentação do ouro não attrahe a vista; em desforra, os arcos de madeira que guarnecem as entradas do vestibulo, os tapetes da escada, os veludos da balaustrada, as cortinas finalmente pintadas, as flores por toda a parte semeadas, taes são os indícios do gosto dos possuidores da casa.

Em um camarim situado na extremidade da casa que não comprehendemos a discripção—por que isto nos levaria muito longe, e bastará dizer que era delicioso—uma bella mocinha estava assentada sobre uma poltrona forrada de setim azul celeste.

Era uma destas bellezas parisienses nascidas para o baile, para o tumulto do mundo, para as festas da noite, muito mais que para os prazeres simples e a vida domestica. Brilhar, passar rapida, deslumbradora, lançar á direita e á esquerda o fulgor de um olhar, uma palavra viva, prender corações, semear a perturbação, gozar um momento de uma conquista, depois appressar-se em emprehender uma outra; eis a existencia desta mocinha, que não acha mais recursos contra o aborrecivel enojo, desde que quando deixa de agradar.

Em frente desta mocinha estava assentado um mancebo de parecer tímido. Seu semblante

JORNAL DAS SENHORAS
AS DUAS IRMÃAS.
SCHOTTISCH

Composta e dedicada a suas irmãs
HERMINA E CHRISTIANA

por

H. C. STOCKMEYER



PIANO FORTE.

TRIO.

GR-12x

pp
con s.a. *con s.a.*

con s.a. *con s.* *con s.*
p

FINALE.

P

parecia soffrer uma fascinação e experimentar um mixto de agradecimentos e de felicidade. Evidentemente elle amava; tudo o indicava; sua posição, sua emoção e o som de sua voz.

Entretanto interiormente elle luctava, esforçava-se por dominar um amor degenerado em uma paixão. Este combate não escapava á penetração da habil *Circé*; tudo o que pensava Leopoldo de Hautefort, *Celina* o pensava ao mesmo tempo que elle, e seu olhar era umas vezes um signal de consolação, outras vezes uma esprobração, e quasi o signal de um rompimento proximo.

— Pois que? interrogou elle depois de um silencio que durára alguns minutos, vós me tratareis sempre com este inflexivel rigor? Sois senhora de vosso destino, nenhum tutor, nenhum parente vos fará suas aborrecidas observações; podeis amar-me livremente, eu que vos amo tanto, que vos amo muito... e me repellis!... O' *Celina!* por que me fez o acaso conhecer-vos!

Celina surriu ligeiramente, com uma indifinivel expressão d'ironia: Seu olhar diz mui claramente a *Leopoldo* que elle se enganava, e que ella o amava. Como correctivo ella respondeu:

— Meu Deus! amor!... Sempre esta palavra vã... esta exposição romantical... Vejamos, quando me deixará livre vossa paixão de menino... por que na verdade ainda sois um menino, Sr. *Leopoldo*...

— Eu tenho vinte e quatro annos!

— E eu vinte e cinco.... Sou mais velha que vós. Tornemos ao meu pensamento: quando isto terá fim?...

— Com a felicidade suprema.... para mim! exclamou o mancebo.

— Ah! o egoismo? estava segura disto, mas ouvi minha experiencia: no fim de oito dias de intimidade, apesar dos mil juramentos, começareis por aborrecer-vos de mim. Depois de uma outra semana, esqueceréis o caminho de minha casa.

— Podeis fallar assim, *Celina!* isto offende-me.

— Não, *Leopoldo*, estou dizendo-vos o que, todos os dias acontece.

— Não credes mais no amor?

— Pode ser... debaixo de certas condições.

— Explicai-vos?...

Por sua vez, *Celina* pareceu embaraçada. Sua tez pallida tingiu-se de um colorido encarnado. A mocinha fez voltar os *passamanos* e o torçal de seu ve-tido caseiro de cachimira.

Leopoldo tinha ganho; e apressado tornou.

— Explicai-vos....

— Eu serei franca, diz emfim *Celina*.

Elle procurava uma delonga.

— Eu conheci o amor.... soffri... Para não pensar mais nelle, me lancei no turbilhão do mundo.... sem com tudo seguir o exemplo destas criaturas loucas que se dão a espectaculo, que se perdem. Hoje estou rica, tenho algum luxo, amigos, uma vida elegante; não me falta senão um marido.

Leopoldo abaixou a cabeça e se callou. Elle estava pensosamente opprimido.

— Que tendes, Sr. *Leopoldo*? perguntou *Celina* sem se desconcertar deste mutecismo. Eu

nada tenho dito que vos fosse pessoal, nem de que vos devais affligir, ainda que seja por affectação. Abristes-me vosso coração e insistestes para que eu fizesse o mesmo: é o que estou fazendo. Dissestes-me o que quizesstes, eu vos tenho dito o que desejava; eis ahi tudo.

E estendendo sua mão pequenina ajuntou. Seremos os melhores amigos do mundo?

Leopoldo tremendo apertou esta alva mão; levando a seus labios a molhou com uma lagrima.

— Cruel *Celina!* murmurou elle.

— Criança que sois!

— Sempre este nome!!

— Sem duvida, vós o mereceis.

— Mas emfim.... não sabeis!...

— Fallai pois! diz ella curvando-se para elle.

— Eu não sou senhor da minha vontade....

— Ah! sim.... os caprichos, a familia....

— Meu pai, o general de Hautefort, é muito escrupuloso, muito severo....

— Conforme o costume.

— Bem pena teve elle de me deixar viajar....

— Eu creio; sobretudo se elle habita em alguma provincia.

— Elle não deixa o seu castello, situado a duas legoas de *Poitiers*.

— E elle pensava que vossa juventude se passaria toda no gabinete, entre o *Whist* e o *Boston*?!!

— Não riais, *Celina*, meu pai é o mais honrado e o melhor dos homens.

— Apesar da sua severidade? Tendes medo delle?

— Entretanto eu lhe resisti.

— Não é possível!

— Elle queria absolutamente casar-me com minha prima *Lucia*, uma menina muito docil, mas perfeitamente insignificante. Foi em consequencia do debate que tivemos que eu parti.

— Verdadeiramente, diz *Celina* sacudindo a cabeça com uma graça particular, eu ficaria bem admirada se não entrasse uma prima no negocio. Finalmente não afflijais o bom general; e uma vez que elle aspira este casamento dai-lhe esta satisfação.

— Vós o ordenai! exclamou dolorosamente *Leopoldo*.

— Eu? nunca eu ordenarei; é em direito que não quero tomar sobre aquelles para quem não concedo meus olhares.

— *Celina*, *Celina*, vós me desesperais!...

— *Leopoldo*, ide-vos, estais vos tornando tragico.

— Oh!

— É tarde; é preciso que me prepare para sahir. Vinde esta noite, pelas oito horas, tomar chá. Eu vos quero apresentar a um meu amigo, pessoa muito amavel e muito distincta, que me apresentarão hontem....

Foi com um certo timbre de ciuime que *Leopoldo* murmurou:

— Obrigado. Serei exacto. Não me tinheis fallado....

Mas *Celina* tinha sido chamada; a mulher da camara entrára, e *Leopoldo* devia sahir.

II.

Tres horas. Os trabalhadores cavavam rapidamente os fossos do bosque de Boulonha, entretanto que os cavalleiros, reclinados sobre o peçoço de seus ginetes, procuravão reconhecer nos encantadores pequenos *coupés* as caras graciosas e lisongeiras das laureiras da moda.

Um dandy de uma suprema elegancia se fazia notavel pela perfeita justeza com que governava os movimentós de um fogoso alazão.

Um *brougham*, forrado de setim branco e puchado por uma parelha de preço, veio passar quasi junto do maravilhoso manébo. Este saudou-o com ar impressionado. O carro se deteve, o cavalleiro igualmente parou.

— Sr. de Richemont! diz Celina com uma voz acariciadora.

— Não me admiro de vos ter encontrado, diz por sua vez o marquez Alberto de Richemont, vós, a linda flor, uma das heroínas do *fashion* das ruinas do *Sport*, estais aqui no vosso dominio.

— Mas me parece, tornou Celina, que igualmente estais em o vosso apanágio.

Seu olhar, acompanhando suas palavras, se tinha dirigido sobre o bello alazão que patinhava com impaciencia.

— Que quereis vós! um provinciano deve procurar sempre as boas reuniões. Mas eu queria aproveitar-me da occasião, e conversar com vossa excellencia. Ora, eu vos prendo desta sorte.

— Pois bem! entregai vosso cavallo ao jockey e vinde para meu *coupé*.

— De boa vontade.

O marquez fez um signal. John correu para Mr. de Richemont, que se apejava dando suas instrucções, depois foi sentar-se junto da encantadora Celina.

Alberto tinha passado aos trinta annos. Havia chegado a esta idade da vida em que a belleza toma seu character mais viril, ou a experiencia do mundo e a segurança do futuro dão á phisionomia alguma coisa de altivo, á figura alguma coisa de nobre e de magestoso; era em uma palavra, o que se chama, em termos escolhidos, um cavalleiro completo. Suas feições offerecião uma calma estranha; se elle agradava, sua galantaria parecia fria; seu sorriso não indicava senão um sorriso. Era facil comprehender o que elle tinha soffrido e aprendido a viver á sua custa, ou que elle se tinha dado á arte preciosa da

dissimulação e da caracterisação, para pôr um véu sobre seus sentimentos.

Tanto Leopoldo, o pobre namorado de de-manhã, experimentava emoções e deixava vel-as, quanto Alberto parecia invulneravel debaixo desta relação; tanto parecia Leopoldo no-vice em todas as cousas, agradável e excessivo; quanto Alberto tinha, ao menos, na apparencia, penetração, desconfiança e certeza. Entretanto algumas vezes havia um fogo vulcanico debaixo desta neve; e é sem duvida o que pensava Celina.... De outra maneira ella não teria emprendido esta nova conquista.

Se um observador tivesse podido seguir em todos os manejos a habil lisonja de Celina, teria logo comprehendido a que ponto ella desejava agradar. E precisamente o olhar do marquez, testemunho de uma graça perfeita, ficava claro, calmo e frio. Ora, deve-se pensar precedentemente que Celina tinha estabelecido a conversação no capitulo do amor—o amor, esta eterna historia que da boca d'Ovidio passou á de todos os poetas, o amor que é a mesma poesia.

— Assim, dizia Celina, estais firmemente resolvido a não amardes mais?

— Eu!... não pretendo: afirmar não posso, porque seria tomar uma responsabilidade temeraria. Cada um tem, além disto, sua maneira de amar; a miuha pôde ser boa, ella não tem sempre sido a mesma; mas tenho mudado de methodo, e julgo-me achar bem.

— Isto é, objectou Celina, quereis dizer que vos tendes refugiado, fechado, entrincheirado na indifferença, na calma, no gelo.... E chamais a isto viver!

O marquez não pôde reprimir uma risada.

— Ah! rides francamente, diz Celina, é sempre algum adiantamento.

— Oh! bella dama, diz Alberto, credes que se eu tivesse intrincheirado meu coração.... e ainda, credes que eu tenha posto uma venda diante de meus olhos; que eu ignoro por exemplo, quanto sois encantadora? que eu não tenho notado que vossos olhos pretos e vivos, com languidez são cercados de bellas obrancelhas pretas; que vossa boca encerra duas ordens de perolas, e que se poderia abranger vossa cintura com quatro dedos? Eu perfeitamente tenho visto tudo isto; é porque estou mais prevenido para convosco do que para com qualquer outra pessoa. Encommodar-me-hia hastante se vos amasse; não teria outro recurso senão expôr.

me um dia a ser por vós odiado.... Ora, prefiro neste caso ser vosso amigo.

— Sois um homem de muita precaução, diz Celina com um ligeiro assento de despeito.

— Não, eu sou um viajor. Nada ha mais curioso do que as floristas que querem conhecer bem a fundo seu itinerario e não se abandonar ao acaso. E depois vede, minha bella! estes diabos de viajantes têm ouvido contar em todos os idiomas possiveis a mesma historia do amor; elles têm passado atravez dos grandes juramentos, como atravez das grandes cidades. Por toda a parte, salvo algumas ligeiras modificações de phisionomia, alguma differença na linguagem, o amor é o mesmo; em toda a parte suas destruições são semelhantes. Podem-se fazer boas e completas experiencias em Petersburgo, em Londres, em Florença, depois tornar para sua casa completamente desabusado e curado.

— Sr. marquez, tomai tento; não ha nada mais perigoso do que julgarmo-nos ao abrigo de todo o perigo.

Alberto tornou-se pensativo. Em que pensaria?

Quanto a Celina, conservou em seu semblante fino e expressivo o brilho de uma satisfação interior. Sem duvida ella esperava um triumpho difficil talvez, mas por isto mesmo tanto mais estrondoso.

Tinhão chegado á Porta-Maillot. Ahi o marquez achou seu jockey e seus cavallos. Elle despediu-se de Celina, mas não sahio enquanto não prometeu vir á noite tomar chá em sua casa.

III.

A maior parte das tempestades do amor nascem do ciúme. O ciúme é a demencia das pessoas que a final podião ser razoaveis, mas que se põe a delirar quando a paixão está em scena.

Esta loucura tem ainda isto de particular, que, si se consegue vencel-a, mais tarde ri-se ou tem-se piedade de si mesmo, não se comprehende no passado.

Quanto ao presente, o ciúme é horrivel; elle se produz com calafrios, vertigens, transportes de partir o coração!

É nesta phase que estava o pobre Leopoldo, á tarde, ou sentado diante de uma linda mesa de laca, tendo á sua frente Celina e M. de Richemont; elle se via obrigado pela politica a conversar e tomar chá.

Nunca Celina teve mais espirito. nunca se

tinha portado com mais graça, simplicidade e bom gosto.

A quem queria ella agradar? Tal era a questão que Leopoldo volvia e revolvía em sua cabeça sem poder achar uma solução, porque elle tremia de tel-a achado. Em presença de uma realidade, elle procurava ainda criar illusões, depois elle dizia a si mesmo que um rival perigoso estava em sua frente, diante delle; umas vezes o desalento o tomava, outras um furor, tanto mais violento quanto devia ser comprimido, lhe fazia morder seu bigode e rasgar suas luvas.

Fosse que o marquez não percebesse nada, ou fosse por elle nada querer notar, conservava-se com uma serenidade admirável.

Jamais se teia podido crer que fosse um novo habitante da capital, tanto elle parecia iniciado nos menores detalhes da vida parisiense, tantas anedoctas possuia, e excedia na arte de brincar e motejar. Ter-lhe-hião dado voluntariamente dez annos de bastidores da opera, e algumas vezes se erguia á altura da antiga loja infernal. Este genero de espirito seduzia enormemente Celina, que se achava no seu elemento natural.

Outro assumpto de tristeza para Leopoldo; porque o mancebo assiduo até então aos trabalhos do fóro, tinha desprezado frequentar os lions e fazer-se apresentar no jockey-club. Sua paixão tinha tomado tanto mais violencia quanto havia de infidelidade aos costumes anteriores.

Muitas vezes Leopoldo dirigiu palavras acretoces á subtileza do marquez. Este ultimo tornou-se perfeitamente impassível e polido. Elle levou mesmo esta politica ou esta perfidia do homem bem educado até a offerecer a Mr. de Hantefort seu credito e de seus amigos. Elle proseguiu sem consentir que Leopoldo dissesse que não tinha necessidade da protecção de alguem, que elle não aspirava logar algum, e que a fortuna de seu pai lhe satisfazia amplamente.

— Ha certas occasiões, diz Alberto, em que esta fortuna paternal pôde vir a faltar; se por exemplo, se brigar com a familia por um casamento que ella desapprove.

Celina e Leopoldo trocarão rapidamente um olhar de estupefacção; até ali elles crião que sua conversação matrimonial não houvera respirado.

O marquez apresentou sua chicara, que Celina encheu, segurando com mão tremula na cafeteira de prata.

Leopoldo não se tinha encommoado por ter

encontrado occasião de manifestar seu descontentamento.

— Eu ignoro, diz elle, o sentido de vossas palavras. Seria bondade de vossa parte tornal-as mais claras?

— Se minhas palayras não têm sentido algum para vós, senhor, respondeu o marquez com calma, é inutil que lhe faça algum commentario. São palavras vagas, sem significação alguma, como se dizem tantas vezes no mundo. Se, pelo contrario, ellas têm attingido alguma verdade, eu vos pedirei a permissão de ser discreto e de deixar este assumpto.

Mr. de Hantefort queria insistir. Celina se oppoz; e tendo supplicado a Mr. de Richemont para ir buscar sobre uma mesa um delicioso album que ella lhe queria mostrar, disse baixinho a Leopoldo com um sorriso encantador e um olhar apaixonado.

— Oh! querido, se me amais...

Leopoldo acreditou ter subido ás regiões celestes. O resto da noite passou-se para elle em um verdadeiro extasis.

De um lado o marquez não tinha variado; elle não estava nem mais, nem menos divertido, nem mais nem menos polido, nem mais nem menos calado. Celina estava furiosa.

Dava meia noite quando se separarão. Chegadas á porta da casa, o marquez subiu para o seu cabriolet e Leopoldo para seu fiacre.

Continua.



ANEDOCTAS.

O presidente Jeannin, homem de grande merito, foi enviado embaixador á Hespanha. Queixarão-se os Hespanhóes do pouco caso que delles fazia o rei de França, mandando-lhes um diplomata que nem fidalgo era. Quando pois o embaixador foi introduzido á audiencia do rei, este lhe perguntou: — Sois fidalgo? — Ao que respondeu: — Sim, se Adão o foi. — E de quem sois filho? — Das minhas virtudes; replicou Jeannin. — E estas palavras cheias de nobreza e de verdade, o fizeram grandemente aceito e amado do rei de Hespanha.

Um certo gamenho pondo-se ao espelho para se barbear, pentear, etc., depois de tudo isto feito, começou a fallar á sua propria figura, e a dizer: — Juca, tu és formoso como um Adonis, és muito bonito; sabes dançar peregrinamente; namoras a quantas moças vês, e todas morrem por ti, quer sejam solteiras ou viuas; tudo trazes captivo; tudo trazes preso; que te falta, joven bémaventurado? — *Um chicote* (disse-lhe uma voz.) Era o pai que tudo ouvira sem ser presenteado.

MANEIRA DE CONSERVAR NO MAR A AGUA SEMPRE PURA.

Li em um livro bastante curioso o que vou relatar-vos, para que o publiqueis em o vosso interessante jornal, se julgardes que vale a pena. Diz o livro — Um ramo de murta, introduzida em uma barrica d'agua, a conserva pura e doce, sem a menor alteração, durante um tempo indeterminado. — A ser isto verdade, por certo deve mover os navegantes a fazerem experiencias analogas, pois esta descuberta seria, sem duvida, de grande importancia para a navegação.

C. de J.

Temos a satisfação de offerecer hoje ás nossas assignantes a musica da SCHROTTSCH mais linda e harmoniosa que ha sido publicada no Rio de Janeiro. É escripta pelo Sr. Stokmeyer Junior em um dos seus mais bellos pensamentos, e dedicada ás suas queridas irmãs. A este delicado cavalheiro devemos o presente obsequio que irá satisfazer a ambição de algumas das nossas assignantes que desejão possuir esta Schottisch e de todos em geral que tiverem o gosto de ouvi-la bem executada.

Sentimos que a lithographia só nos pudesse dar prompta a metade desta musica para hoje; brevemente porém daremos a ultima parte.

A significação do logogripho é: — **ALMOFADA.** Mas deve ler-se o primeiro verso assim — A primeira com a terceira — e não — A primeira com a quarta — que nada explica.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVA-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONCIN n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por seis mezes 60000 rs. na Côte, 70000 rs. para as Províncias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro — Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.